

Invasor instala uma chácara no Plano

Perto da Torre de TV, Francisco cria 60 porcos, 40 gatos e ainda cultiva um canavial e 50 bananeiras

ENIO ARDOHAIN

Uma casinha simples construída com sobras de madeira e cercada por goiabeiras e outras árvores frutíferas; um canavial com produção estimada em dois mil quilos para safra deste ano; 50 pés de banana, a maioria cacheados; uma criação de 60 porcos no chiqueiro; seis cavalos; 15 cães e 40 gatos. Este ambiente, típico da zona rural, existe e está bem próximo do coração de Brasília, quase no entroncamento entre a Avenida W-4 com a Via N1 e ao lado da Torre de Televisão.

O responsável pela "colônia agrícola" dentro do Plano Piloto é Francisco Pessoa Neto, um cearense de 51 anos acostumado com a vida da roça. Há 10 anos, ele se instalou naquela área nobre, junto à filha Cláudia Ribeiro Pessoa, 13 anos, com a intenção de cultivar batata e mandioca. Sistemáticamente atacado por ladrões que depredavam a sua plantação, Neto decidiu mudar seu ramo de atividade e dedicar-se à produção de culturas menos atrativas aos assaltantes.

Atualmente, o pequeno agricultor urbano sofre as conseqüências de ter ocupado indevidamente a área pública. Há uma semana, policiais civis e militares acompanhados por um oficial de justiça o despejaram, destruindo o barraco e levando a sua filha, segundo ele, "sob a alegação de que a menina estaria sofrendo maus-tratos".

Consciente da condição de "invasor", ele aceita o despejo. Mas demonstra muita amargura por lhe terem tirado a filha. "No Brasil é difícil para um homem de 51 anos encontrar trabalho. Eu só espero que o Governo entenda que preciso de um lugar para plantar. E me devolva a minha filha", desabafa.

Relento — Enquanto não sai a solução definitiva para o problema, Neto divide o seu tempo entre os cuidados com a "chácara" e a disputa legal pela posse da filha. "Se existem advogados capazes de tirar da cadeia pessoas que cometeram crimes, deve haver algum com competência para trazer a minha filha de volta", disse.

Os animais e a plantação não foram retirados do local. Por isso, ele continua morando no terreno, mesmo com a casa demolida. "Por enquanto, estou dormindo ao relento. Mas se chegar a época das chuvas sem que haja uma definição para o problema, vou ser obrigado a reconstruir o barraco", argumenta o lavrador.

Mesmo tendo vivido grande parte da sua vida nos centros urbanos, Neto afirma ter "vocaçã" para trabalhar com a terra. Pensando assim, acredita poder sensibilizar o Governo do Distrito Federal a lhe doar dois ou três alqueires de terras, para que possa continuar exercendo suas atividades de lavrador.



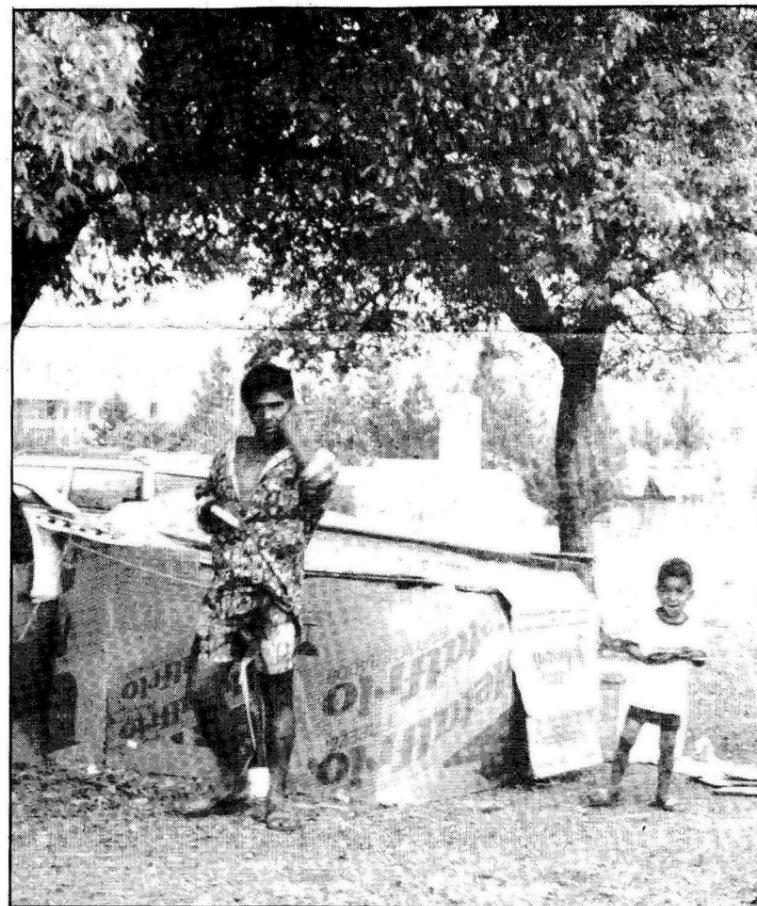
Cavalos, porcos e cães fazem parte da vida de Francisco, o chacareiro urbano

Caixa de papelão se torna moradia

Outros invasores do Plano Piloto não se sentem tão confiantes em negociar suas situações de moradia com o Governo, como o agricultor Francisco Pessoa Neto. Em sua maioria composta por ex-lavradores nordestinos que decidiram mudar de vida e tentar a sorte na capital, esses migrantes pouco instruídos buscam por todos os meios se manter próximo aos locais de trabalho, normalmente subempregados, onde lavam e cuidam de carros nos estacionamentos ou recolhendo papel usado e garrafas para vender em empresas de reciclagem.

Eles se reúnem em pequenos grupos agregando de duas a quatro famílias. Constroem barracos com sobras de madeira ou caixas de papelão em terrenos baldios ou até mesmo nos canteiros gramados existentes entre as avenidas e nas entradas dos estacionamentos dos prédios públicos. Assim vive Valdir Pereira dos Santos, guardador de carros, 33 anos, morava com os dois filhos — um de três e outro de quatro anos — em uma invasão do Setor de Rádio e TV Sul. Desfeito o grupo por ordem judicial, Santos se instalou com o amigo Gildásio Barbosa de Souza e as crianças dentro de uma caixa de papelão, no Setor Comercial Sul, em frente ao edifício das Pioneiras Sociais.

Santos é viúvo e perdeu dois dedos da mão direita quando ainda colhia feijão nas lavouras de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, de onde veio há quatro anos. Impossibilitado de trabalhar em função da deficiência, ele disse ter medo do que possa acontecer. "Se não conseguir juntar dinheiro para alugar um quarto, vou ser obrigado a começar a roubar".



Sem opção, Gildásio improvisou uma casa para seus 2 filhos

Crianças — Outro que vive a mesma situação é o grupo de catadores de papel que mora na "cratera" existente no Setor Hoteleiro Norte. Inconformados, eles querem se mudar para o Pedregal. Mas uma das três crianças do grupo desapareceu há cinco dias e, enquanto não for encontrada, eles não se dispõem a deixar o lugar.

Aristides Eduardo, de nove anos, é filho do casal João Guilherme da Silva, 27, e Juraci Eduardo

de Araújo, 42. Mais velho dos irmãos, Aristides cuidava dos outros meninos enquanto os pais trabalhavam. Na quinta-feira da semana passada, Sérgio Roberto de Souza, um dos quatro adultos que mora na invasão, voltou para casa e não encontrou o menino. "Este lugar é muito violento. A gente vive com medo dos marginais que rondam por aqui. Agora o menino sumiu e nós não temos como deixar os outros aqui sozinhos para ir trabalhar", diz Souza. (E.A.)

Muniz Freire